

Momentos vividos com toda a participação e fidelidade. Na fé. Como todos estamos chamados a viver. As palavras dos profetas, por vezes citadas pelo próprio Jesus, encontrariam especial ressonância no coração de Maria.

“Dar-vos-ei um coração novo, infundirei em vós um espírito novo”

Na Bíblia, quando se fala de “coração”, faz-se referência ao íntimo da pessoa - pensamento, recordação, sentimento, consciência, lugar da decisão. Assim é quando se fala de Maria que guarda e medita tudo no seu coração. Ou quando Jeremias, por exemplo, fala da “nova aliança” como palavra de Deus interiorizada no coração de cada um, sem necessidade de se instruírem uns aos outros (Jer 31, 33b-34ab; 24, 7). É também um pouco neste sentido que o Concílio Vaticano II põe em destaque a consciência, como “centro mais secreto e santuário do homem”, em cujo coração há uma lei escrita pelo próprio Deus (GS 16; DH 3).

Acreditar é aceitar a Palavra de Deus, em Cristo. Jesus aos discípulos de Emaús:

“Homens sem inteligência e lentos de espírito para acreditar em tudo o que os profetas anunciaram! Não tinha o Messias de sofrer tudo isso para entrar na sua glória?”

E, começando por Moisés e passando pelos Profetas, explicou-lhes em todas as Escrituras o que Lhe dizia respeito.”

(Lc 24, 25-27)

%%%%%%%%%

Reflexão

**Para reflexão/revisão pessoal,
(com ou sem partilha em pequenos grupos):**

1. Recordo alguma passagem bíblica que fale da fé? Qual?
2. Qual é para mim a maior dificuldade no caminho da fé?
3. O que é que mais me sustenta e fortalece nesse caminho?
4. Quem tem sido mais importante para mim como modelo de fé?



Escola da Fé - 2017/18

III Encontro – 15.Dez.2017

Fé, resposta
ao Deus
que se revela



“Feliz és tu que acreditaste”

I - A fé é a nossa resposta a uma declaração de amor

A experiência de fé é a de uma relação pessoal com Deus. Inclui uma vivência afetiva, cheia de amor, entre Deus e cada um. Ao revelar-se, Deus dá-se em pessoa. Como em todas as experiências de encontro com quem nos quer bem, algo muda na vida quando fazemos a experiência de um encontro com Deus. É isso a fé. Confiamos e entregamo-nos a Alguém sempre fiel, que nunca quebra os seus laços de amor para conosco. Esta fé mantém-nos confiantes, apesar das decepções e adversidades da vida: doenças, solidão, agressões, injustiças e até a própria morte.

II - Ter fé não é deixar de ter dúvidas

O cristão acredita que Deus é o fundamento e o fim do trajeto da sua vida. Todavia, nós «caminhamos na fé, não na clara visão» (2 Cor 5, 7). Conhecemos Deus «como num espelho, de uma maneira confusa... imperfeita (1 Cor, 13,12)». A fé é vivida muitas vezes na obscuridade, pois o nosso mundo nos aparece bem longe daquilo que a fé nos assegura. Confrontamo-nos com experiências do mal e do sofrimento, que põem à prova a nossa fé. Abraão e Maria ajudam-nos a olhar os acontecimentos da vida como caminhos de Deus, sem desanimar. Como diz o Anjo a Maria «Nada é impossível a Deus» (Lc 1, 37).

Os olhos da fé são capazes de ver o invisível e o coração do crente consegue esperar além de toda a esperança. «o Reino de Deus não vem de maneira observável... o Reino de Deus está dentro (entós= no interior) de vós» (Lc 17, 21). É dentro de nós que reconhecemos a presença do Espírito: na alegria interior, na dilatação do coração, no alargamento dos horizontes: «Quando vier o Espírito, ele vos conduzirá para a verdade inteira» (Jo 16, 13).

III - A fé vive-se numa experiência pessoal, mas não é uma aventura solitária

A fé é uma adesão livre de cada uma de nós à Palavra de Deus mas é também uma experiência pessoal vivida em comunidade e alimentada pelo «contágio» da fé dos outros, como se pode ver pelo testemunhos de Abraão e, acima de todos, como Maria. Abraão, o primeiro modelo desta adesão, acreditou «esperando contra toda a Esperança» (Rm 4, 18).

Maria é a realização mais perfeita do modelo de fé: na sua «peregrinação da fé» (LG 58), foi até à «noite da fé» (João Paulo II, RM 18), comungando no sofrimento do seu filho e na noite do seu túmulo. Fazemos parte desta linhagem de crentes.

“Feliz de ti, Maria, que acreditaste no cumprimento de tudo o que te foi dito da parte do Senhor!”

Como ensina, de facto, o Concílio Vaticano II, Maria é “exemplo perfeitíssimo na fé” (LG 53). Ela “cooperou livremente pela fé e obediência” (56) no projeto da Deus: “Eis a serva do Senhor, faça-se em mim segunda a vossa Palavra” (Lc 1, 38). “Feliz de ti que acreditaste no cumprimento de tudo quanto te foi dito da parte do Senhor” - diz-lhe Isabel (Lc 1,45).

O tema da fé está bem em evidência no primeiro capítulo do Evangelho segundo São Lucas, que apresenta a geração e nascimento de João Batista e de Jesus, entrelaçando os dois casos e contrapondo as reticências iniciais de Zacarias e a obediência da fé de Maria, nova Eva, nas duas “anunciações” referidas: a Zacarias, sacerdote, no Templo; a Maria, na sua casa de Nazaré.

A mudez do pai do Batista aparece em resposta à sua falta de fé. Será superada quando confirma que o filho se deve chamar João, como Deus indicara. A plena adesão de Maria é recompensada desde logo com a alegria do Espírito Santo vivida no encontro com Isabel, que o felicita por ter acreditado em quanto lhe foi dito da parte do Senhor.

“Maria conservava e meditava tudo no seu coração”

São Lucas compraz-se em anotar que Maria conservava e meditava no seu coração o que ia ouvindo, vendo, vivendo (Lc 2, 19 e 51c). Atitude semelhante assumem aliás as pessoas que testemunham o nascimento de João (Lc 1,66). Isso será uma constante na existência da Virgem Mãe. Ela irá de surpresa em surpresa, numa atitude positiva de tudo registar e acolher, confiando em Deus, mesmo quando não dá para perceber (cf. Lc 1, 34). No episódio de Jesus no Templo, “eles não compreenderam as palavras que lhes disse”, boa razão para Maria guardar “tudo no seu coração” (Lc 2, 50-51).

A dolorosa caminhada da fé de Maria, de coração trespassado

Esta atitude de não-compreensão, aliada a um desejo de discernimento permanente, na fé, no Espírito, no meio da obscuridade e do sofrimento interior, foi a que teve, por exemplo, quando Simeão lhe disse que o Menino, embora sendo luz para as nações e glória para Israel, seria sinal de contradição, e que uma espada de dor que lhe trespassasse o coração (Lc 2, 28-35). As trevas mais espessas da fé de Maria são as do terceiro dia...